



XI ELESÍ – Encontro sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas

Revitalização de Línguas Indígenas: o que sabemos e o que precisamos saber

Campinas, UNICAMP, 9 a 13 de setembro de 2019

Local: Auditório do Instituto de Geociências (IG) e salas do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)

COMITÊ ORGANIZADOR

Coordenação Geral:

Wilmar da Rocha D'Angelis (InDIOMAS, UNICAMP)

André Raimundo Ramos (FUNAI)

Juracilda Veiga (KAMURI)

Secretaria Geral:

Juracilda Veiga

Pedro Ternes Frassetto

Divulgação:

Beatriz Furlan Toledo

Maria Eugenia Arantes Gonçalves

Mariana Gonzaga Marques de Freitas

Marília de Oliveira Costa

Pedro Ternes Frassetto

Programação Visual:

Fabiana Raquel Leite

Logística:

Arthur Antunes de Lima

Cintia Malta dos Santos

Diego Michel Nascimento Bezerra

Lara Rocha de Lima Alves

Leilane de Morgado Bispo

Hospedagem Solidária:

Maria Eugenia Arantes Gonçalves

Mariana Gonzaga Marques de Freitas

COMITÊ CIENTÍFICO

Presidente:

Domingos Barros Nobre: Pedagogo, Mestre e Doutor em Educação (UFF, 1997 e 2005). Docente no Instituto de Educação de Angra dos Reis (UFF).

Membros:

Anari Braz Bomfim: indígena Pataxó (BA), Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (2012). Doutoranda em Antropologia Social (UFRJ). Co-Coordenadora do IX ELESÍ (Porto Seguro, BA, 2012).

Consuelo de Paiva Godinho Costa: Mestre e Doutora em Linguística (UNICAMP, 2003 e 2007). Professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB.

Eduardo Alves Vasconcelos: Mestre e Doutor em Linguística (UnB, 2008; UNICAMP, 2013). Professor da Universidade Federal do Amapá. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIFAP.

Elizabeth Maria Beserra Coelho: Mestre em Antropologia Social e Doutora em Sociologia (UFC, 1999). Professora titular na Universidade Federal do Maranhão.

Fábio Bonfim Duarte: Mestre em Linguística (UnB, 1997) e Doutor em Estudos Linguísticos (UFMG, 2003). Professor na Faculdade de Letras da UFMG. Coordena projeto de documentação e descrição da língua Tenetehara (MA).

Francisco Vanderlei Ferreira da Costa: Mestre em Linguística (UnB, 2005) e Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP, 2013). Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), em Porto Seguro. Secretário Geral do VIII ELESÍ (Dourados, 2010) e Co-coordenador do IX ELESÍ (Porto Seguro, 2012).

Ivana Pereira Ivo: Mestre e Doutora em Linguística (UNICAMP, 2014 e 2018). Professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Coordenou uma etapa do Programa de Revitalização do Nhandewa-Guarani (SP), de 2013 a 2015.

Lilian Abram dos Santos: Mestre em Semiótica e Linguística Geral (USP, 2002) e Doutora em Linguística Aplicada (UNICAMP, 2010). Professora do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Maria das Dores de Oliveira: indígena Pankararu (PE), Mestre e de Doutora em Letras e Linguística (UFAL, 2001 e 2006). Funcionária da FUNAI, atuando junto aos Tupinambá do Sul da Bahia. Co-Coordenadora do IX ELESÍ (Porto Seguro, BA, 2012).

Pierlangela Nascimento da Cunha: indígena Wapichana (RR), Pedagoga e Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM). Professora do Instituto Federal de Roraima (IFRR). Foi Coordenadora da OPIR – Organização dos Professores Indígenas de Roraima e Integrou a Comissão Nacional de Educação Escolar Indígena - CNEEI/MEC.

Teodora de Souza: indígena Guarani (MS), Pedagoga, é Mestre em Educação (UCDB, 2013). Foi gestora de educação escolar indígena na SEMED-Dourados (2001-2008) e membro da Comissão Nacional de Educação Escolar Indígena - CNEEI/MEC (2008-2012). Atua como docente na Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, da UFGD.

Terezinha de Jesus Machado Maher: Mestre e Doutora em Linguística Aplicada (UNICAMP, 1990 e 1996). Professora do Departamento de Linguística Aplicada do IEL-UNICAMP. Representante eleita das Universidades brasileiras junto ao Comitê de Educação Escolar Indígena do MEC (1998-2003). Co-coordenadora do II ELESÍ (Campinas, 1997).

COORDENADORES DO XI ELESÍ

Wilmar da Rocha D'Angelis. Doutor em Linguística (UNICAMP, 1998). Professor no Departamento de Linguística da UNICAMP. Criou e coordena o Projeto Web Indígena. Coordenador linguístico do Programa de Revitalização das Línguas Indígenas no Estado de São Paulo. Co-coordenador das edições I, V, VII e VIII do ELESÍ.

André Raimundo Ferreira Ramos. Mestre em História (UFG, 2000). Técnico de indigenismo e historiador da FUNAI, desde 1986. Integrou o Conselho Editorial da Revista de Estudos e Pesquisas (FUNAI, 2004-2006) Coordena, desde 2009, o *Projeto Ibaorebu de Formação Integral do Povo Munduruku*. Co-coordenador do VII ELESÍ (Campinas, 2007).

Juracilda Veiga. Mestre em Antropologia Social e Doutora em Ciências Sociais – Etnologia (UNICAMP, 1994 e 2000). Foi Co-coordenadora do I ao VI ELESÍ (Campinas, SP) assim como do X ELESÍ (Manaus, 2015). Coordenadora geral, desde 2013, do Programa de Revitalização de Línguas Indígenas no Estado de São Paulo.

Promotores:

 <p>KAMURI – Indigenismo, Ação Ambiental, Cultura e Educação</p>	 <p>Conhecimento de Línguas Indígenas e de Línguas de Sinais</p>	 <p>Fundação Nacional do Índio Coordenação de Processos Educativos</p>
--	---	--

Apoio:

Diretoria Executiva de Direitos Humanos (DEDH) da UNICAMP
Diretoria de Cultura (DCult) – Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – UNICAMP
Instituto de Geociências – IG – UNICAMP e Instituto de Estudos da Linguagem – IEL – UNICAMP
Editora Curt Nimuendajú



Programação

09.09.2019 - Tarde:

[Auditório do IG]

12:30 às 14:00 h. – Credenciamento

14:15 às 15:15 h. – Mesa de Abertura (anfitriões, autoridades)

15:15 às 16:10 h. – Conferência de Abertura: Profa. Dra. **Ana Helena Rossi** (UnB)

Tradução: um processo entre línguas-culturas.



16:15 às 17:15 h. – Mesa do Congresso (coordenadores)

Apresentação de vídeos:

- Lançamento do vídeo do Projeto Extensão 48 (PROEC) sobre o Grupo InDIOMAS e suas ações de extensão: revitalização de línguas.
- Apresentação do vídeo “Atlas Bilíngue: Guarani Português”, sobre o trabalho de extensão do grupo do Prof. Vicente E. L. Alves (IG) junto aos Mbyá (SP).

17:15 às 18:00 h. – Lançamento de Livros

- Revitalização de línguas indígenas. O que é? Como fazemos.*
Grupo de Pesquisa InDIOMAS e KAMURI
- Currículos Diferenciados das Escolas Indígenas, Quilombolas e Caiçaras: Política e Metodologia*, de Domingos Nobre et al.
- Apresentação de livros dos Projetos de Revitalização:
Nhandewa/Tupi-Guarani, Kaingâk Paulista e Krenak

10.09.2019 - Manhã:

[Auditório do IG]

08:40 às 10:30 h. – Apresentação dos participantes

10:50 às 12:00 h. – Palestra: **Lilian Abram dos Santos** (UFG)

Conceitos envolvidos em programas de revitalização linguística.



10.09.2019 - Tarde:

[Auditório do IG]

14:00 às 15:30 h. – Painel 1: Projetos de revitalização linguística com línguas Tupi.*

- Projetos:
- Cledinilson Marcolino (Nhandewa-Guarani, SP)
 - Luan E. dos Santos (Tupi-Guarani, SP)
 - Marina Cíntia da Silva (Tenetehara/Guajajara, MA)
 - Rosana Brasil Cardoso (Munduruku, PA)

Moderadora: **Pierlangela Nascimento da Cunha** (IFRR)

(*) *Exposição de algumas experiências em projetos de revitalização linguística com etnias falantes de línguas do tronco Tupi.*



15:50 às 16:30 h. – Apresentação dos participantes (continuação)

16:30 às 18:00 h. – Avaliação dos Projetos com Línguas Tupi.*

[Salas do IEL]

- Grupos: 1A – Indígenas, projetos apoiados pela FUNAI¹
1B – Não-índios, projetos apoiados pela FUNAI
2A – Indígenas, outros projetos
2B – Não-índios, outros projetos

¹ Ver Anexo

Coordenadores/sistematizadores dos Grupos:

1A – Vanderson Lourenço (Nhandewa, SP) e Ubiratã Gomes (Tupi-Guarani)

1B – Eduardo Alves Vasconcelos (UNIFAP) e

2A – Anari B. Bomfim (Pataxó, BA) e Cristine Takuá (Maxakali)

2B – Consuelo P. G. Costa (UESB, InDIOMAS) e Dulce C. Franceschini (UFFS)

11.09.2019 - Manhã:

[Auditório do IG]

08:40 às 10:40 h. – Painel 2: Projetos de revitalização linguística com línguas Macro-Jê.

Projetos: - Rosemeire Indubrasil, Rosemeire Barbosa (Kaingang SP)

- Wagner Katamy (Kraô/Kanela, TO, MA)

- Pataxó: oficina de intercâmbio com Maxakali (BA, MG)



Moderador: **Eduardo Alves Vasconcelos** (UNIFAP)

(*) [Exposição de algumas experiências em projetos de revitalização linguística com etnias falantes de línguas do tronco Macro-Jê.](#)

11:00 às 12:30 h. – Avaliação dos Projetos com Línguas Macro-Jê.

[Salas do IEL]

Grupos: 1A, 1B, 2A, 2B (como na atividade final do dia anterior).

11.09.2019 - Tarde:

[Salas do IEL]

14:30 às 15:40 h. – Sessões de Comunicações 1 e 2 (concomitantes)

[Auditório do IG]

16:10 às 17:45 h. – Mesa-redonda: *Questões de Metodologia em projetos de Revitalização Linguística.*

Expositores: **Wilmar R. D'Angelis** (UNICAMP)

Fabiana Raquel Leite (Pós UNICAMP)

Moderador: **Ivana Pereira Ivo** (UFBA)



12.09.2019 - Manhã:

[Auditório do IG]

08:40 às 10:40 h. – Painel 3: Projetos de revitalização linguística Arawá, Macro-Jê e Tupi

Projetos: - Renildo Lopes da Silva (Paumari/Arawá) (AM)

- Alessandra Alves Arruda (Guató, MS)

- Profª. Dulce C. Franceschini (UFFS) (Sateré-Mawé, AM)



Moderadora: **Anari Braz Bomfim** (UFRJ)

(*) [Exposição de algumas experiências em projetos de revitalização linguística com etnias falantes de línguas das famílias Arawá e Pano.](#)

11:00 às 12:30 h. – Avaliação dos Projetos com outras línguas. Grupos: 1A, 1B, 2A, 2B [Salas do IEL]

12.09.2019 - Tarde:

14:30 às 15:40 h. – Sessões de Comunicações 3 e 4 (concomitantes)

[Salas do IEL]

16:10 às 18:00 h. – Mesa-redonda: *Magistérios e Licenciaturas Interculturais e o fortalecimento de línguas indígenas.*

Expositores: **Domingos B. Nobre** (UFF)

Elder José Lanes (UFRR)

Marciano Rodrigues (Arpinsul)

Moderadora: **Izabel Gobbi** (COPE-FUNAI) – a confirmar



13.09.2019 - Manhã:

[Auditório do IG]

09:00 às 10:15 h. – Conferência: *Questões de Alfabetização em Língua Indígena.*

Conferencistas: **Domingos Barros Nobre** (UFF)
e **Anna B. A. Vecchia** (UNIRIO)



10:30 às 12:00 h. – Conferência e Debate:

O que é, afinal, ensino bilíngue que fortalece línguas minoritárias?

Conferencista: **Tereza Maher** (UNICAMP)
Moderadora: **Regina Maria de Souza** (UNICAMP)

13.09.2019 - Tarde:

[Auditório do IG]

14:00 às 15:00 h. – Relatório dos Sistematizadores dos Grupos de Avaliação.

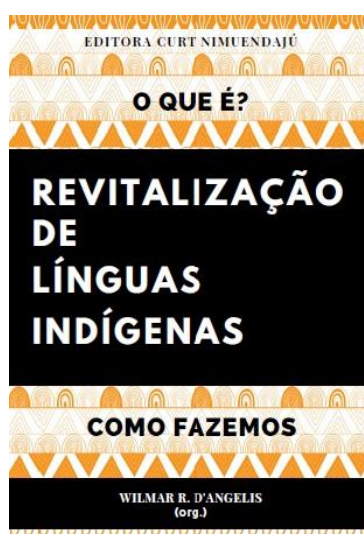
15:15 às 16:40 h. – Mesa-redonda: *Ações e responsabilidades pela sobrevivência das línguas indígenas: o papel da FUNAI, das Universidades, dos Estados e das ONGs.**

Expositores: **André Raimundo Ramos** (FUNAI), **Cristina Martins Fargetti** (UNESP)
Juracilda Veiga (KAMURI), **Marcus Vinícius C. Garcia** (IPHAN-BSB)

16:40 às 17:45 h. – Avaliação do ELES1 e votação de propostas. Eleição da sede do XII ELES1.

18:00 h. – Encerramento e Confraternização

Dia 09.set, 17:15 h. – lançamento do livro



ANEXO I:

XI ELESÍ (Campinas, 2019)

PROJETOS DE REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA APOIADOS PELA FUNAI

agrupados por Tronco e Família Linguística

Revitalização da língua Nhandewa do Litoral Paulista e Site e Gramática Nhandewa (PI APC)	CR Litoral Sudeste	TUPI / Tupi-Guarani
Projeto de Fortalecimento da Língua Tenetehára/ Guajajara (T.I. Araribóia) (PI APC)	CR Maranhão	TUPI / Tupi-Guarani
Revitalização Linguística e Cultural dos Apiaká (visita ao Museu do Índio)	CR Norte do Mato Grosso – aguardar tabela orçamentária	TUPI / Tupi-Guarani
Revitalização da língua Munduruku do Kwatá Laranjal (PI APC)	CR Manaus	TUPI / Munduruku
Revitalização da língua Kaingang em São Paulo (PI APC)	CR Litoral Sudeste	MACRO-Jê / Jê
Revitalização da língua Krahô - Kanela (Material didático) (PI APC)	CR Araguaia Tocantins	MACRO-Jê / Jê
Revitalização da Língua Krenak em São Paulo (PI APC)	CR Litoral Sudeste	MACRO-Jê / Krenak
Oficina linguística e intercâmbio Maxakali para professores e pesquisadores Pataxó	CR Sul da Bahia	MACRO-Jê / Maxakali
Projeto Revitalização da Língua Guató (PI APC)	CR Cuiabá	MACRO-Jê / Guató
Projeto Revitalização da Língua Terena no Estado de São Paulo	CR Litoral Sudeste	Aruak
Projeto Sou Bilingue das Línguas Paumari e Apurinã	CR Médio Purus	Arawá
Campeonato da Língua Paumari (PI APC)	CR Médio Purus	Arawá
Oficina linguística Hãtxa Kuin (T.I. Praia do Carapanã)	CR Alto Purus	Pano
Oficina escrita Hupd'äh no igarapé Japu e Oficina escrita Yuhupdeh /Processos educativos/culturais dos povos	CR Rio Negro	Maku

ANEXO II:

RELAÇÃO DAS 10 EDIÇÕES DO ELESÍ E RESPECTIVOS COORDENADORES

*I ELESÍ (Campinas, 10º COLE, 1995): Wilmar R. D'Angelis (Unicamp) e Juracilda Veiga (NCEI ALB)

*II ELESÍ (Campinas, 11º COLE, 1997): Juracilda Veiga (NCEI ALB) e Terezinha M. Maher (UNICAMP)

*III ELESÍ (Campinas, 12º COLE, 1999): Juracilda Veiga (NCEI ALB) e Andrés Salanova (UNICAMP)

*IV ELESÍ (Campinas, 13º COLE, 2001): Juracilda Veiga (NCEI ALB) e Beatriz Gualdieri (UNICAMP)

*V ELESÍ (Campinas, 14º COLE, 2003): Juracilda Veiga (NCEI ALB) e Wilmar R. D'Angelis (UNICAMP)

*VI ELESÍ (Campinas, 15º COLE, 2005): Juracilda Veiga (NCEI ALB) e M^a Beatriz Rocha Ferreira (UNICAMP)

*VII ELESÍ (Campinas, 16º COLE, 2007): Wilmar R. D'Angelis (UNICAMP) e André Ramos (FUNAI)

*VIII ELESÍ (Dourados, MS, 2010): Wilmar R. D'Angelis (UNICAMP), Antonio Dari Ramos (UFGD), Juracilda Veiga (KAMURI)

*IX ELESÍ (Porto Seguro, BA, 2012): Francisco V. Ferreira da Costa e Esaú F. S. Santos (IFBA, Porto Seguro), M. das Dores de Oliveira (FUNAI) e Anari Braz Bomfim (estudante Pataxó)

*X ELESÍ (Manaus, AM, 2015): Valéria A.C. de Medeiros Weigel e Jonise N. Santos (UFAM), Juracilda Veiga (FUNAI, KAMURI), Romy Guimarães Cabral (UEA)

Das 10 primeiras edições do ELESÍ, 6 resultaram em livros publicados:

*Leitura e escrita em escolas indígenas, org. por Wilmar D'Angelis e Juracilda Veiga. Campinas: Mercado de Letras / ALB, 1997.

*Questões de educação escolar indígena: da formação do professor ao projeto de escola, org. por Juracilda Veiga e Andrés Salanova. Campinas: ALB; Brasília: Cendoc-FUNAI, 1999.

*Escola indígena, identidade étnica e autonomia, org. por Juracilda Veiga e Wilmar R. D'Angelis. Campinas: Núcleo de Cultura e Educação Indígena da ALB, Instituto de Estudos da Linguagem, 2001.

*Desafios atuais da Educação Escolar Indígena, org. por Juracilda Veiga e Maria Beatriz R. Ferreira. Brasília: Ministério do Esporte; Campinas: Núcleo de Cultura e Educação Indígena da ALB, 2005.

*Conflito linguístico e direitos das minorias indígenas, org. por Wilmar R. D'Angelis e Eduardo A. Vasconcelos. Campinas: Curt Nimuendajú, 2011.

*Revitalização de língua indígena e educação escolar indígena inclusiva, org. por Anari B. Bomfim e Francisco V.F. da Costa. Salvador: Egba, 2014.

ANEXO III:**SESSÕES DE COMUNICAÇÕES****Dia 11.09 – SESSÃO 1 Local: Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, CL-14**

	SESSÃO 1
Jozilene Andrade de Souza, Marlinda de Jesus Andrade	A retomada da língua Kiriri no contexto da luta pela terra e da conquista da educação específica e diferenciada para nossas escolas
Sâmela Ramos da Silva, Enilda Santos de Sousa	A memória como instrumento de revitalização do Nheengatu no Baixo Tapajós
Beatriz Furlan Toledo, Mariana G. M. de Freitas, Dener Stassun Christinele, Clarice Dellape	A criação de um jogo digital como ferramenta para a revitalização linguística entre os Guarani Nhandewa
Enilze Alves Ferreira de Lucena, Norielem de Jesus Martins	Práticas de fortalecimento da Língua Guarani a partir do ensino de Língua Portuguesa no âmbito do projeto EJA Guarani

Dia 11.09 – SESSÃO 2 Local: Instituto de Estudos da Linguagem – IEL**Mini-auditório do Centro Cultural**

	SESSÃO 2
Jucimar Pereira dos Santos	Práticas de Leitura dos Professores Indígenas Kiriri Cantagalo
Beatriz Sales da Silva	“Amarra o touro no pé da cajarana”. Relato dos percursos da elaboração do Projeto Político Pedagógico no contexto da Escola Estadual Indígena Xucuru Kariri Warkanã de Aruanã, Caldas, MG
João Roberto Bort Júnior	O que é uma língua indígena? O caso do Ruãynyn’rêuê dos Xucuru-Kariri, Caldas – MG
Patrícia Regina Vannetti Veiga	Escritas indígenas e novos modos de comunicação

Dia 12.09 – SESSÃO 3 Local: Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, CL-14

	SESSÃO 3
Tereza Maracaipe Barboza, Lucivaldo Silva da Costa, Quélvia Souza Tavares	Xikrín do Cateté Nhõ Pi'ôk Mari Mokrai Kadjy Na Jã: Uma proposta para alfabetização e letramento em Língua Materna
Francinete de Jesus Pantoja Quaresma	Proposta Curricular da Seduc-PA para alfabetização em Língua Parkatêjê
Adria Simone Duarte de Souza, Célia Aparecida Bettiol, Sanderson Castro Soares de Oliveira	O curso de Pedagogia Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Amazonas: discutindo os currículos com foco em alfabetização e língua indígena
Nanblá Gakran	O desafio de formar educadores indígenas: uma estratégia para revitalizar e a manutenção da língua materna Xokleng/Laklãnõ

Dia 12.09 – SESSÃO 4 Local: Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, CL-13

	SESSÃO 4
Altaci Corrêa Rubim	Wakayu: troca de saberes
Mário André Coelho da Silva	Situação sociolinguística da língua Akwẽ-Xerente e novos letramentos: um estudo de caso
Mario Ramão Villalva Filho	Ensino da língua portuguesa para falantes de guarani: abordagens contrastivas e propostas pedagógicas

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

A RETOMADA DA LÍNGUA KIRIRI NO CONTEXTO DA LUTA PELA TERRA E DA CONQUISTA DA EDUCAÇÃO ESPECÍFICA E DIFERENCIADA PARA NOSSAS ESCOLAS

Jozilene Andrade de Souza (UNEB)

Marlinda de Jesus Andrade (UNEB)

O presente artigo tem o objetivo fazer uma análise sobre a “retomada” da língua kiriri como componente do movimento de afirmação da identidade étnica, da luta pela terra, é avaliado também a importâncias da introdução da língua indígena na educação escolar, transmitindo aos estudantes indígenas o seu valor simbólico, político e histórico, considerando questões como a riqueza que a cultura indígena oferece enquanto referencial para pesquisas e a realização de atividades pedagógicas; no que diz respeito a história kiriri, é dado um destaque especial a diversas situações vivenciadas pelo nosso povo a partir do final do século XVII, quando se intensificaram os conflitos com os não índios, o que levou a diminuição populacional indígenas e uma repressão a fala da língua kiriri. E destacada ainda a participação do nosso povo na violenta guerra de canudos, que se constituiu em um dos fatores que contribuiu para que a língua kiriri deixasse de ser falada pelo nosso povo, com as gerações que foram se seguindo, passando a ter mais interesse em aprender o português do que a língua dos seus pais e avós. O artigo baseia-se em autores indígenas e não indígenas brasileiros, levantando conceitos sobre o assunto aqui abordado, e é de caráter qualitativo, com revisão bibliográfica e pesquisa – ação.

Palavras-chave: Linguagem; Kiriri; Cultura indígena; Educação

A MEMÓRIA COMO INSTRUMENTO DE REVITALIZAÇÃO DO NHEENGATU NO BAIXO TAPAJÓS

Sâmela Ramos da Silva (UNICAMP)

Enilda Santos de Sousa (ULBRA)

Este resumo apresenta um conjunto de ações que integram a mobilização indígena com enfoque na retomada do Nheengatu como língua étnica no Baixo Tapajós, oeste paraense. Os povos indígenas, por meio do Grupo de Consciência Indígena (GCI) e o Conselho Indígena Tapajós- Arapiuns (CITA), têm construído um projeto de resgate de memórias históricas e linguísticas como chave para o fortalecimento cultural e identitário. O GCI, no ano de 1999, atendendo a demanda dos indígenas que relatavam que a “língua geral” era falada por seus avós, trouxe vários indígenas do rio Negro (AM) para atuarem como professores de Nheengatu nas aldeias. Outras iniciativas, como o “Curso de Extensão de Nheengatu” (2014-2017), formaram dezenas de professores que trabalham nas 49 escolas indígenas administradas pela Coordenação Escolar Indígena do município de Santarém. As escolas têm sido um espaço fundamental para a revitalização cultural e linguística, no qual as disciplinas de Notório Saber e Nheengatu são estratégicas na valorização das culturas indígenas locais. Pensando na crescente demanda por mais pesquisas e produção de materiais didáticos para as aulas de língua indígena, um coletivo de mulheres indígenas, militantes e professoras de Nheengatu criaram o projeto “Yané nheenga yané rapuitá” (Nossa língua, nossas raízes), e, desde então, desenvolvem oficinas relacionadas à memória da língua a partir de temas contextuais: “casa de farinha”, “medicinas tradicionais” e outras práticas locais. Essa metodologia parte da identificação da língua nessas práticas e suscita as memórias que se têm do Nheengatu, ou seja, se constituem em ações de “acionamento” das memórias da língua, na identificação e no reconhecimento do Nheengatu como parte de suas práticas de linguagem. Sendo assim, essas iniciativas atestam a presença indígena na toponímia, no léxico relacionado à fauna e flora, nas plantas medicinais usadas na pajelança, no nome de práticas culturais, nas construções morfológicas e expressões pertencentes ao seu repertório linguístico. Por meio das oficinas temos documentado relatos, práticas, palavras e expressões que são fundamentais para compreendermos a história social do Nheengatu no Baixo Tapajós e construirmos estratégias de revitalização pela memória, principalmente dos mais velhos. Assim, surgiu um novo discurso sobre o Nheengatu, não mais como língua indígena que “já foi falada” na região, mas como reconhecidamente presente e vinculada a diversos conhecimentos indígenas.

Palavras-chave: Indígenas; Nheengatu; Baixo Tapajós

A CRIAÇÃO DE UM JOGO DIGITAL COMO FERRAMENTA PARA A REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA ENTRE OS GUARANI NHANDewa

Beatriz Furlan Toledo (UNICAMP)

As comunidades chamadas de Guarani Nhandewa, resultaram de um desmembramento e migrações, entre a primeira metade do século XIX e a primeira década do século XX, de parte da comunidade Nhandewa. O povo Guarani, antes da conquista europeia, habitava uma extensa área que abrangia, em território brasileiro, amplas extensões do que hoje são os estados da região Sul do país, além do sul de São Paulo e Mato Grosso do Sul, estendendo-se ainda por grandes áreas nos países vizinhos: Paraguai, Argentina e Bolívia (COSTA, 2003). No estado de São Paulo, os Guarani Nhandewa atualmente habitam quatro terras indígenas: Nimuendaju, Bananal, Itariri e Piaçaguera. O presente trabalho tem como objetivo apresentar as etapas de desenvolvimento de um jogo digital educativo e interativo que aborda aspectos da cultura e da língua dos Guarani Nhandewa. Este projeto faz parte de uma série de projetos de revitalização linguística em parceria com o Grupo de Pesquisas Idiomas (UNICAMP), a Organização Não Governamental Kamuri e a FUNAI (Litoral Sudeste). A escolha de um jogo digital para auxiliar no processo de revitalização da língua e cultura dos Guarani Nhandewa se deu uma vez que jogos são sistemas poderosos de aprendizado, que possibilitam a exploração de limites e possibilidades estimulando a ação colaborativa entre os jogadores. Sendo assim, o presente trabalho procura demonstrar como uma estratégia de aprendizado interativa sobre aspectos culturais e linguísticos foi planejada juntamente com a comunidade Guarani Nhandewa para que, por meio de um jogo digital, as crianças da comunidade possam revisitar aspectos importantes relacionados à ancestralidade e ao modo de pensar de sua comunidade ao mesmo tempo que se identifiquem com o meio ambiente e as ações propostas pelo jogo. Além disso, busca-se apresentar a importância da presença de uma equipe interdisciplinar em um projeto de revitalização linguística, uma vez que a equipe de desenvolvimento do jogo é formada não apenas por linguistas, mas também por artistas visuais, profissionais da área de computação e pelos próprios membros da comunidade indígena, pois somente por meio de um trabalho colaborativo com a comunidade é possível desenvolver uma solução que contemple as necessidades de cada povo em relação a revitalização de suas línguas e culturas.

Palavras-chave: Revitalização linguística. Guarani Nhandewa. Jogo digital.

PRÁTICAS DE FORTALECIMENTO DA LÍNGUA GUARANI A PARTIR DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ÂMBITO DO PROJETO EJA GUARANI

Enilze Alves Ferreira de Lucena (UFRRJ)

Norielem de Jesus Martins (UFRRJ)

Esta apresentação se refere ao ensino de Língua Portuguesa, na perspectiva bilíngue, para jovens e adultos guarani mbya, que cursaram o projeto EJA Guarani (anos finais do Ensino Fundamental), no período de 2012 a 2014. O referido projeto foi realizado pelo município de Angra dos Reis em cooperação pedagógica com a universidade Federal Fluminense/UFF, por meio do Instituto de Educação de Angra dos Reis/IEAR. No desenvolvimento do curso EJA Guarani, a prioridade era trabalhar os conteúdos sempre dentro de uma perspectiva intercultural, levando em consideração os conhecimentos dos alunos como colaboração e o interesse por determinados temas que eles mesmos sugestionavam. A partir do depoimento dos alunos que cursaram a EJA percebemos que, embora tenham encontrado grande dificuldade no aprendizado da Língua Portuguesa, a forma como as aulas foram planejadas, na perspectiva bilíngue, estudando as regras de funcionamento da língua associadas ao trabalho de produção textual, possibilitou melhor compreensão da estrutura e dos processos de formação da língua materna e reflexão sobre o uso da mesma na escola. As aulas de Língua Guarani ministradas em conjunto com as de Língua Portuguesa foram um ganho ainda maior em relação ao entendimento do Português e ao desenvolvimento da escrita do Guarani. Na maioria das atividades que envolviam produção textual, eram feitas as traduções para o Guarani, procurando exercitar a escrita de ambas as línguas, levando o aluno a refletir sobre a própria língua e sua estrutura a partir de estratégias de estudo de gramática contrastiva, tomando a estrutura da língua guarani como referência. O trabalho, na perspectiva de produção textual, conhecimentos linguísticos, leitura e interpretação, mostrou que é possível utilizar a Língua Portuguesa em conjunto com a língua indígena materna com o objetivo de fortalecer, preservar a língua e a cultura Guarani.

PRÁTICAS DE LEITURA DOS PROFESSORES INDÍGENAS KIRIRI CANTAGALO

Jucimar Pereira dos Santos (UNEB)

O presente texto é resultado de um trabalho em Nível de Mestrado, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus II – Alagoinhas no período de 2010-2011, cujo objetivo foi investigar as práticas de leitura dos professores indígenas Kiriri Cantagalo do Ensino Fundamental (5ª à 8ª série) que atuam no Colégio Estadual Indígena Florentino Domingos de Andrade, Aldeia Araçás do Município de Banzaê, no estabelecimento da relação entre cultura, educação e leitura. Para o desenrolar da pesquisa foi utilizada a seguinte questão: as práticas de ensino de leitura desenvolvidas pelos professores indígenas Kiriri Cantagalo têm contribuído para o fortalecimento de sua cultura indígena? A pesquisa percorre justamente questões de encantamento sobre o que vem a ser a leitura em uma escola indígena do Nordeste da Bahia, em um contexto de suas lutas históricas, conquistas e questões delicadas, tais como o processo de retomada do Território Indígena Kiriri, que vem ocorrendo a partir da década de 1970, os seus projetos societários, o acesso a bens culturais, a preservação e fortalecimento da cultura indígena Kiriri.

Palavras-chave: Leitura, Práticas de leitura, Educação escolar indígena

Beatriz Sales da Silva (SRE – Poços de Caldas)

O objetivo desta comunicação é compartilhar o relato de experiência denominado: “Amarra o TOURO no pé da Cajarana” durante o ainda processo de elaboração do Projeto Político Pedagógico, entre 2018/2019 na Escola Estadual Indígena Xucuru Kariri Warkanã de Aruanã, Caldas, MG. No entanto tudo isso é somado à imperiosa “dificuldade” de grafar, do registro, de apresentar o documento como prova cabal do dever cumprido. Foram tantos arremedos, tantas cobranças, tantas tentativas, tantas outras. Muitos acreditam que não há projeto político pedagógico nessa escola. Enganam-se os que pensam assim. Em terra de oralidade todo cuidado é pouco, a escrita chega como uma senhora estrangeira de sobrenome gramatical. Mas a palavra tem astúcias, táticas de fazer valer o que o povo traz da ancestralidade, entoa seus cantos, é capaz de dizer em um toante toda uma pedagogia indígena. Um dos primeiros professores da escola, Seu Zito canta: “Amarra o touro no pé da Cajarana, eu quero ver o touro amarrado no pé da cajarana”. Segundo ele o touro tem força a árvore cajarana é do tronco dos antigos, ela é forte. Assim podemos dizer, que eles amarram a escrita no pé da cajarana, amarram o projeto político pedagógico no pé da cajarana. A oralidade existe, (re) existe, persiste, amansa o touro, a escrita soberana. Qual é o sentido pedagógico entranhado nessas palavras tão significativas no processo de elaboração do Projeto Político Pedagógico, que a priori deveria ser um documento coletivo? O coletivo, a oralidade é convocada pela legislação a adentrar a escola. Mas, aqui nessa escola não estamos falando de qualquer coletivo. Aqui, aliás, ele nunca saiu dela. Importante compreender que os aspectos apresentados por Ana Maria Falsarella em seus estudos também são peculiares a nossa questão, na tentativa de reconhecer o papel estabelecido pela oralidade dentro do contexto da escola indígena como lócus da palavra. No entanto não podemos esquecer que na sociedade, a linguagem – oral e escrita – é relacionada a poder, sendo que no ocidente moderno, há uma supervalorização do oral sobre o escrito. Nesse sentido FALSARELLA (2006) argumenta que os espaços discursivos de propositores de mudanças e de profissionais da educação revelam-se de formas diferentes. A incumbência legal de elaborar o projeto político pedagógico proposto pelos poderes instituídos foi submetida aos “sujeitos comuns”, no chão da escola, lócus privilegiado da palavra.

Palavras-chave: Oralidade, Matriz Curricular, Língua, coletivo

O QUE É UMA LÍNGUA INDÍGENA? O CASO DO RUÃYNYN'RĒUĒ DOS XUCURU-KARIRI, CALDAS - MG

João Roberto Bort Júnior (UNICAMP)

Os Xucuru-Kariri de Caldas, Sul de Minas Gerais, são originários de Palmeira dos Índios, Alagoas. É um povo constituído historicamente na relação entre os antigos Kariri, os Xukuru e demais índios do Sertão Nordestino, e que é reconhecido, no que se refere a aspectos linguísticos, por não falarem o português. Porém, mais recentemente, é possível encontrar os Xucuru-Kariri de Caldas aprendendo e falando o Ruãynyn'rēuē, "a língua dos Xucuru-Kariri". Reconhecida pelo estado de Minas Gerais, de tal maneira que se encontra presente na matriz curricular oficial da E.E. Indígena Xucuru-Kariri Warcanã de Aruanã, essa "língua" tem uma história particular, que pretendemos apresentar. O caso é um problema desafiador para nós, antropólogos e linguistas. Primeiro, porque a bibliografia sobre os Xucuru-Kariri consolidou um vocabulário do povo que eles não reconhecem como seu idioma, até porque adveio, evidentemente, de demais etnias. Segundo, porque ela opera no cotidiano escolar, em momentos festivos da aldeia e como saber produtor da pessoa xucuru-kariri. As perguntas que nos moverão na apresentação serão: o que é uma língua indígena? Para que serve uma língua? Qual a possibilidade de incorporarmos em nosso arcabouço conceitual as perspectivas dos indígenas que estão operando códigos estruturalmente próprios para comunicarem-se? O fato é que os Xucuru-Kariri de Caldas estão trazendo um desafio a ser pensado, afinal eles já conseguiram indigenizar as perspectivas dos servidores da educação de Minas Gerais quando introduziram, no currículo de 2019, sua concepção acerca do que é uma língua.

Palavras-chave: Xucuru-Kariri, Caldas

ESCRITAS INDÍGENAS E NOVOS MODOS DE COMUNICAÇÃO

Patrícia Regina Vannetti Veiga (UNICAMP)

Esta apresentação visa refletir sobre o processo de escrita indígena, principalmente na língua materna, a partir da experiência que tive ao participar da escrita de dois livros de autoria coletiva; o livro dos professores-pesquisadores baniwa do rio Içana (AM), “Escola Kariamã conta umbuesá” (2015), nheengatu e português; e o livro-vídeo dos Guarani-mbya da Terra Indígena do Jaraguá (SP), “Nhande mbaraete: fortalecimento da história guarani” (2017), guarani e português. O foco das reflexões será sobre os desafios enfrentados no processo de escolha das letras (desenhos de escrita) e no modo de organização da palavra e linguagem quando escrita, considerando ser uma língua oral, que busca ser transmitida para seus falantes por meio deste novo meio de comunicação, a escrita alfabética, nestes novos contextos socioculturais. A produção de materiais didáticos e livros indígenas é crescente hoje, eles se tornaram um novo meio de fortalecimento e transmissão das palavras, histórias e conhecimentos étnicos. Cada produção tem um objetivo e função social, podendo ser para o uso nas escolas diferenciadas, de modo que as histórias e conhecimentos tenham sua circulação potencializada por meio do livro, como é o caso na escola baniwa. Como também pode ser visto como um documento, que irá legitimar a história indígena em seu território, despertando o interesse dos jovens pela palavra das lideranças e mais velhos, como é o caso do livro guarani do Jaraguá. Assim, por diferentes motivações, realiza-se um movimento de pesquisa e escrita coletiva no papel, em que os indígenas experimentam o alfabeto e suas formas de expressão na própria língua, explorando o uso de diferentes recursos da linguagem, textuais, visuais e imagéticos, que estão em consonância com a sua realidade e suas próprias referências comunicacionais. Nessas experiências, juntamente com as reflexões da minha pesquisa em andamento, percebi que as diferentes tecnologias indígenas de comunicação e transmissão, como a oralidade, os desenhos gráficos, petróglifos, etc., que formam redes comunicativas específicas em cada povo, se refletem no modo de composição da linguagem escrita pelo alfabeto, como também na função e circulação dada ao papel/ livro. Desta maneira, estes diferentes modos de escrita e composição de livros, quando feito pelos indígenas, podem transformar e inovar as formas de leitura e seus usos, incentivando novas dimensões para a palavra escrita e seus modos de comunicação.

Palavras-chave: Escrita indígena - línguas indígenas - comunicação

XIKRÍN DO CATETÉ NHÕ PI'ÔK MARI MOKRAI KADJY NA JÃ: UMA PROPOSTA PARA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM LÍNGUA MATERNA

Tereza Maracaipe Barboza (UNICAMP)

Lucivaldo Silva da Costa (UNIFESSPA)

Quélvia Souza Tavares (UFPA)

Este trabalho é resultado de pesquisas e ações extensionistas junto ao povo Xikrín do Cateté, falantes da língua Mëbêngôkre (variedade Xikrín), da família linguística Jê, tronco Macro-jê, localizados na aldeia Cateté, município de Parauapebas-PA. Pretendemos compartilhar nossa experiência de organização de um livro na língua Xikrín do Cateté, cujo objetivo é promover o fortalecimento e a manutenção da língua e cultura desse povo, bem como introduzir a prática social de leitura e escrita em língua indígena no domínio escolar, fortemente marcado pela relação diglósica decorrente da imposição do uso da língua portuguesa como língua de instrução e de alfabetização nas escolas das aldeias. O livro foi produzido pelo linguista Lucivaldo Silva da Costa, pesquisador e falante da língua Xikrín, juntamente com dois falantes nativos, Bep Aka Xikrín e Katop-Ti Xikrín, que são professores na escola da aldeia Cateté. Este livro é o primeiro material didático elaborado na língua materna. Sua estrutura envolve uma diversidade de conteúdos que vão desde o inventário fonológico e o sistema de escrita da língua, introdução de textos que estimulam uma leitura imagética, aliada a práticas sociais de oralidade - característica dos Xikrín, como um povo de tradição oral -, até pesquisas de campo e atividades para apreensão do sistema de escrita alfabética da língua em tela. O livro foi idealizado para ser trabalhado nas séries iniciais do ensino fundamental menor, com vistas a promover o letramento literário em língua indígena e fortalecer os sistemas de conhecimento locais, como as tradições orais literárias e musicais, os conhecimentos sobre fauna e flora, práticas de cura, habilidades artísticas e atitudes estéticas, dentre outros. A produção desse material configura-se, por fim, como uma micropolítica desse povo na salvaguarda de sua língua e cultura, que, embora seja vital – já que todos os Xikrín falam a língua materna e ela é transmitida intergeracionalmente – encontra-se ameaçada (KRAUS, 1992), pois é falada por uma população de apenas 2.000 falantes.

Palavras-chave: Língua Xikrín; Manutenção linguística; Produção literária

PROPOSTA CURRICULAR DA SEDUC-PA PARA ALFABETIZAÇÃO EM LÍNGUA PARKATÊJÊ

Francinete de Jesus Pantoja Quaresma (UFPA)

Muito se questiona por que alfabetizar indígenas em sua língua tradicional. A indagação é fruto da noção de que os povos indígenas possuem línguas-culturas próprias expressas sem o uso da ortografia. Para Ladeira (2002), enquanto a língua indígena for um sistema vivo e operante, não há razão para alfabetizar na mesma. Entretanto, o pleno domínio de muitas línguas tradicionais é uma questão preocupante em meio a povos tradicionais do Norte do Brasil. Situação não diferente entre os Parkatêjê, cuja língua, segundo o Ethnologue: Languages of the World (2019), apresenta o status de “em apuros”, isso porque a transmissão intergeracional da língua encontra-se em processo de minoração, haja vista que essa não está sendo transmitida às crianças. Entretanto, dado fato de essa geração ainda poder usar a língua, a mesma pode ser revitalizada. Os Parkatêjê entendem que a escola é uma aliada no processo de revitalização linguística. Isto posto, alfabetizar crianças Parkatêjê tornou-se uma demanda desse povo indígena. A Secretaria de Estado de Educação do Pará, em respeito à disposição da Constituição Federal (1988), oferta a educação escolar indígena promovida mediante adequação e peculiaridades desses povos. No entanto, apesar de ter construído o Documento Curricular do Estado do Pará (2019) pautado nos objetivos de aprendizagem propostos pelas Diretrizes Curriculares da rede estadual, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (2017) e os conteúdos tidos como obrigatórios pela legislação e normas nacionais e estaduais que regem a educação escolar indígena, não muito se fez na matriz curricular proposta aos povos indígenas do Pará. Diante do exposto, o estudo analisa a proposta do DCEP (2019) referente à matriz curricular da área da linguagem destinada aos povos indígenas, especificamente no que se propõe ao 1º ano/9, no componente curricular língua indígena. Comentamos o documento analisado nos seguintes aspectos: práticas de linguagem e competências e habilidades específicas de linguagem para o referido ano escolar que compreende a alfabetização. Ademais, buscamos esclarecer em que sentido a grade curricular do 1º ano/9 adotada na Escola Indígena Estadual Pëptykre Parkatêjê, localizada na Reserva Indígena Mãe Maria, no quesito linguagem, cumpre o disposto na matriz curricular proposta pelo DCEP (2019). A pesquisa realizada é de cunho bibliográfico e fundamenta-se na literatura da área da Educação e da Linguística Descritiva.

Palavras-chave: Língua parkatêjê. Matriz curricular. Educação Escolar Indígena. BNCC. SEDUC-PA.

O CURSO DE PEDAGOGIA INTERCULTURAL INDÍGENA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS: DISCUTINDO OS CURRÍCULOS COM FOCO EM ALFABETIZAÇÃO E LÍNGUA INDÍGENA

Adria Simone Duarte de Souza (UEA)

Célia Aparecida Bettiol (UEA)

Sanderson Castro Soares de Oliveira (UFAM)

O trabalho discute a reestruturação e implantação de cursos de Pedagogia Intercultural Indígena com enfoque em alfabetização em língua indígena e em produção de material didático para a escola indígena na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Trata-se de 2 cursos em andamento, o primeiro iniciou-se em junho de 2014, no Município de São Paulo de Olivença/Alto Solimões; e o segundo em junho de 2016, no Município de Atalaia do Norte/Vale do Javari. Ambos atendem a demandas apresentadas pelas Secretarias Municipais dos municípios onde ocorrem e que foram apresentadas por meio da plataforma Paulo Freire, dispositivo implantado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES para promover cursos de formação de professores em serviço, a partir do financiamento do Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica (PARFOR). A discussão inicial do Projeto Pedagógico do Curso do Alto Solimões foi realizada a partir de uma visita ao município em julho de 2013 e de reunião com os representantes das etnias locais que atuam no Setor de Educação Escolar Indígena Municipal para traçar os eixos norteadores do Currículo: formação inicial com ênfase na utilização da língua própria (Ticuna, Kokama e Kambeba). A proposta do Curso também foi apresentada no seminário da Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngues (OGPTB) no município de Benjamim Constant em novembro de 2013. Em momentos posteriores, o projeto sofreu revisões para adequar-se a demanda inicial, ou seja, para focar a formação para o ensino da língua indígena nas séries iniciais. A discussão do Projeto do Curso do Vale do Javari também aconteceu por meio de assembleias com os professores indígenas Kanamari, Marubo, Matis e Mayoruna/Matsés, nos anos de 2014, 2015 e 2016, bem como a partir das discussões entre as diferentes instituições parceiras: FUNAI, SEMED Atalaia do Norte e Universidade do Estado do Amazonas/UEA. Esta última proposta beneficiou-se tanto de um amadurecimento das questões vivenciadas no desenvolvimento do curso em São Paulo de Olivença, quanto de uma sistemática mais complexa e cuidadosa nas discussões preparatórias para a elaboração do currículo do curso. Este é, portanto, resultado de uma interlocução da Universidade com outros Órgãos Governamentais, com sociedade civil e, principalmente, com os professores e com os representantes das comunidades indígenas. Atualmente, o Curso do Alto Solimões está em processo de finalização, com as defesas dos Trabalhos de Conclusão de Curso - TCC e o Curso do Vale do Javari está finalizando a sétima etapa. Como resultados do processo de formação, ressaltamos as discussões sobre língua indígena, língua portuguesa como língua adicional e a produção de material didático específico.

Palavras-chave: Formação de professores indígenas, educação escolar indígena, Currículo.

O DESAFIO DE FORMAR EDUCADORES INDÍGENAS: UMA ESTRATÉGIA PARA REVITALIZAR E A MANUTENÇÃO DA LÍNGUA MATERNA XOKLENG/LAKLÃNÕ

Nanblá Gakran (UFSC)

No trabalho apresentarei um ponto de vista a partir de minha experiência como falante e professor da língua indígena Xokleng/Laklãnõ. Inclui as percepções construídas como professor da disciplina de língua indígena nas escolas indígenas que estão localizadas na Terra Indígena Laklãnõ e em contexto universitário, na Universidade Federal de Santa Catarina, no curso superior de formação de professores indígenas. As percepções são ainda devidas em virtude de minha formação em nível de graduação e pós-graduação (mestrado, doutorado e pós-doutorado). A população indígena de que se refere o trabalho, atualmente é reconhecida como Xokleng/Laklãnõ, única dessa etnia existente no Brasil, habitam na região do Alto Vale do Itajaí em Santa Catarina na Terra Indígena Laklãnõ. Início dos anos de 1990, os Xokleng/Laklãnõ estava passando por profundas alterações nos costumes, principalmente, não queria falar mais a língua materna e não queriam mais se identificar como Xokleng/Laklãnõ. Ao observar isso, por minha própria decisão, no ano de 1992, eu me encarreguei de incentivar e de conscientizar os jovens e a comunidade em geral. A forma de conscientização que usei de início era em reunião e, em outro momento, em forma de roda de conversa com os jovens e com as pessoas da comunidade. Com essa dinâmica, senti que a comunidade em geral estava interessada em ouvir e acompanhar minhas inquietações. Vendo isso, resolvi fazer uma reunião geral com jovens, comunidade e as lideranças, na reunião, falei sobre a importância de manter viva nossa cultura enquanto povo e manter viva nossa língua herança dos nossos ancestrais. A partir dessa reunião, as lideranças, decidiram em conjunto uma articulação nas secretarias: estadual e municipal de educação, a fim de que o ensino da língua materna Xokleng/Laklãnõ fosse implantado nas escolas do território da Terra Indígena. A partir dessa articulação, em 1994, a Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina contratou-me como primeiro professor para ministrar a língua materna Xokleng/Laklãnõ em cinco escolas indígenas. Diante da experiência vivenciada mencionada desde o início de minha vida no magistério, eu acredito que formar professores indígenas Xokleng/Laklãnõ é minha missão, a qual tem sido desde minhas primeiras ações profissionais até os dias de hoje na academia. Por fim, as discussões teóricas que orientou este trabalho podem ser, no entanto, consultadas em outros materiais, como Gakran (2005, 2008 e 2015).

Palavras-chave: Ensino Bilíngue. Educação Indígena. Língua Xokleng/Laklãnõ.

WAKAYU: TROCA DE SABERES

Altaci Corrêa Rubim (UnB)

O objetivo desse estudo é apresentar o resultado da tradução de histórias traduzidos da língua Kokama para o português onde os indígenas expressam sua cultura por meio das histórias que falam de animais, aves, peixes, entre outros. A exemplo do artigo “Traduzir Kutipa/Kanuparita para vitalizar a língua Kokama: um estudo de caso” (RUBIM; ROSSI, 2018), o fio condutor da tradução é o conhecimento da língua e da cultura, entretanto, Rodrigues afirma que há restrições, pois as experiências humanas são diferentes ROSSI (2012) ou seja, a tradução será o reflexo do conhecimento prévio do tradutor. Pensar na tradução de histórias de línguas indígenas é possibilitar o diálogo entre a visão social de um povo com a possível compreensão da tradução em um outro idioma. Wakayu é um livro pensado para apresentar as histórias contadas por anciãos do povo Kokama de diferentes locais do Alto Solimões, Baixo rio Negro e do Peru, pois é sabido que essa língua está passando por processos de vitalização. A força da memória, atualizada com as histórias, com as narrativas, com as cantigas e com a natureza demonstra a riqueza de uma língua que resiste, principalmente com os anciãos e, atualmente com os professores que vitalizam a língua em diferentes ambientes como escolas, centros culturais, centro de ciências e saberes tradicionais, igrejas, entre outros. A partir dessas histórias, elementos de memória, motivam a produção de músicas, de danças, de artesanatos, de grafismos, elementos visuais extraídos das histórias contadas. A coleta das histórias foi realizada no período de oficinas de ensino e aprendizagem da referida língua em Jutáí (AM), Santo Antonio do Içá (AM), Manaus (AM) e Zungarococha (PERU) nos meses de janeiro e julho (2015 a 2018). Os anciãos expressaram sua cosmovisão falando na língua o que conseguiram guardar durante muito tempo. Nessa perspectiva, a metodologia utilizada foi a cartografia como instrumento etnográfico. Dessa forma, a utilização dessa metodologia possibilita realizar o mapeamento situacional por meio de descrições das partes de territórios que são significativos para o grupo, para comunidade ou para o povo tradicional.

Palavras-chave: Wakayu; Histórias Antigas; Tradução; Cultura

SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DA LÍNGUA AKWĒ-XERENTE E NOVOS LETRAMENTOS: UM ESTUDO DE CASO

Mário André Coelho da Silva (UFG)

Esta comunicação pretende apresentar um estudo de caso do trabalho realizado pelo autor com alunos da etnia AkwĒ-Xerente e outros professores do curso de Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás. O curso é dividido em etapas na universidade e etapas em Terra Indígena, compreendendo atividades em sala de aula, orientações e atividades extra-curriculares. Apresentaremos aqui, uma atividade extra-curricular realizada no primeiro semestre de 2019, na Aldeia Funil, localizada na Terra Indígena homônima. Esta comunidade é a que mais próxima está do núcleo urbano do município de Tocantína/TO e, de acordo com os próprios alunos, é alvo de estereótipos como “a língua no Funil não é tão forte dada a proximidade à cidade” ou “por estarem mais próximos da cidade, os AkwĒ do Funil têm mais acesso à tecnologias e, portanto, utilizam mais a língua portuguesa”. A atividade por nós realizada foi a de a aplicação de um questionário piloto para entendermos a situação sociolinguística dessa comunidade e verificar se afirmações como as apresentadas acima poderiam ser confirmadas ou não. A maior parte de nossos alunos nunca havia aplicado questionários antes e o resultado dessa metodologia foi a da quebra de diversos estereótipos ligados ao uso da língua na comunidade ora estudada, além de questionamentos sobre novas funções que a língua indígena pode exercer, assim como uma maior compreensão sobre a atual situação sociolinguística e quais os riscos que a língua AkwĒ, assim como outras línguas indígenas, correm atualmente. Além das discussões e dados obtidos na etapa em Terra Indígena, utilizaremos outras informações secundárias para subsidiar a discussão aqui proposta. Por se tratar de um trabalho contínuo, dentro da formação de professores indígenas, a proposta ora apresentada abre margem para outras ações futuras, como por exemplo, a relação entre vitalidade linguística, oralidade e escrita; como a escrita de uma língua indígena pode ajudar na preservação da língua, principalmente no contexto escolar; dentre outras possibilidades.

Palavras-chave: educação intercultural; letramento; língua Xerente; sociolinguística

ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA FALANTES DE GUARANI: ABORDAGENS CONTRASTIVAS E PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

Mario Ramão Villalva Filho (UNILA)

Na UNILA (Universidade Federal da Integração Latino Americana) de Foz Iguaçu foi ofertada a disciplina “Estudos Comparativos da Língua Guarani com as Línguas Portuguesa e Hispânica” dentro do curso de Especialização em Ensino-Aprendizagem de Línguas Adicionais. Neste trabalho focamos especificamente na relação da língua guarani com o português. As duas línguas têm a suas próprias características. Como por exemplo, a língua originária em questão é aglutinante porque faz uso excessivo de aglutinação, na oração em português “ele/a está com muita dor de cabeça” em guarani poderíamos expressar somente em uma só palavra “iñakārsyete”, analisando encontramos a palavra raiz “akã” (cabeça) seguida de “rasy” (dor) apocope de “mba’asy” (doença), “ete” (muita ou verdadeira) a palavra se inicia com “iñ...” que é a forma de adjetivar em terceira pessoa singular; assim encontramos várias palavras em português para indicar um estado específico que em guarani se reduz em uma só palavra. Outro fator importante como vemos na tradução na frase em português “ele/a...” não fica claro se o personagem de terceira pessoa seja feminino ou masculino (ele ou ela), assim deixamos claro também que mesmo existam os gêneros homem e mulher, quando se trata de “gêneros gramaticais” não existe em guarani. Por este motivo ensinar “gêneros” para estudantes que em cuja cultura estes não existem, devesse tomar cuidado e buscar novas formas pedagógicas de atuação docente, assim, ao trabalhar os ícones comparativos da língua originária com a língua da colonização objetivamos sensibilizar sobre as diferenças aos professores de português que atuam nas aldeias.

Palavras-chave: estudo contrastivo, língua guarani, língua portuguesa